

Imagem e demonização: uma análise sobre o processo de edição fotográfica do presidente Ahmadinejad na Folha de S. Paulo

Prof. Dr. Alberto Carlos Augusto Klein

Ana Maria Simono

Resumo

A história contemporânea apresenta uma dinâmica tumultuosa no que se refere à tensão Ocidente-Oriente. O *corpus* deste trabalho pretende analisar a página A17 da Folha de S. Paulo publicada em 13 de maio de 2006, atentando para a figura do presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad. O objetivo da pesquisa é partir do universo do fotojornalismo e do âmbito da semiótica da cultura para discutir de que maneira esse veículo se utiliza de recursos editoriais para demonizar o líder iraniano, bem como identificar os efeitos de sentido produzidos pela composição diagramática da página. A fundamentação teórico-metodológica configura-se em uma análise de conteúdo, privilegiando aportes do semioticista tcheco Ivan Bystrina, contribuições do jornalista brasileiro Perseu Abramo, e de autores da área de Comunicação e Imaginário. Os resultados prévios indicam o prevaletimento de modelos simplificadores da história baseados na polarização redutiva entre as partes do Globo e a indução de uma leitura demonizada de Ahmadinejad através da utilização fragmentária da fotografia, descontextualizada em relação ao texto da matéria. O trabalho pretende salientar que, na demonização de um inimigo desconhecido, ao qual o rótulo “terrorista” serve para mobilizar o imaginário de pessoas, as imagens da mídia tem um papel fundamental.

Palavras-chave: Demonização; Folha de S. Paulo; Mahmoud Ahmadinejad

Abstract

Contemporary history shows a turbulent dynamics with respect to the East-West tension. The corpus of this study will examine page A17 of the Folha de S. Paulo published on May 13, 2006, highlighting the figure of president of Iran, Mahmoud Ahmadinejad. The goal of the research is from the world of photojournalism and from the scope of semiotics of culture to discuss how the vehicle uses editorial resources to demonize the Iranian leader as well as identify the effects of meaning produced by diagrammatic composition of the page. The theoretical and methodological set up in a content analysis, focusing on the contributions of the Czech semiotician Ivan Bystrina, in contributions of Brazilian journalist Perseu Abramo and in other authors of area of Communication and Imaginary. The previous results indicate the prevalence of simplifier models of history based on reductive polarization between the parties of Globe and the induction of a demonized reading of Ahmadinejad by fragmentary use of photography, decontextualized from the matter text. The paper aims to emphasize that, in demonization of an unknown enemy, whom the label “terrorist” serves to mobilize the imagination of people, the media images have a key role.

Key-words: Demonization; Folha de S. Paulo; Mahmoud Ahmandinejad

Introdução

O advento da internet, nos anos 90, foi um marco na história humana e caracterizou não apenas a euforia do surgimento de um novo meio de comunicação, mas uma revolução tecnológica que, aliada às redes de rádio e televisão, permitiu que se instaurasse, no sistema, aquilo que McLuhan previa como uma grande mudança na esfera do pensamento humano: a civilização, agora “unificada”, constituía, segundo ele, uma verdadeira “aldeia global”.

Nesse sentido, as imagens e suas representações simbólicas, constantemente difundidas por esse sistema imensurável de comunicação, tornaram-se um aspecto fundamental da sociedade tecnológica moderna. Isto porque, no mundo Ocidental, segundo Klein & Mazer, a visão ocupa um patamar privilegiado na vida dos cidadãos.

Na civilização ocidental, a ordem visual antecipou-se a todos os demais sentidos. A imagem como representação de si ou do outro surge como manifestação da presença do ser no mundo, na tentativa de recriá-lo ou restaurá-lo contra seu esvaecimento. (KLEIN & MAZER, 2011, p. 703)

Em uma sociedade centrada no “olhar”, a visibilidade se torna, então, o elemento primeiro que irá determinar não apenas as relações de subjetividade entre o indivíduo e os meios de comunicação, mas os próprios processos sociais em voga. Soma-se a isto a lógica de mercado da indústria cultural e o resultado será toda a “espetacularização do real”. O corpo torna-se obsoleto, e as novas tecnologias parecem conduzir ao ideal de felicidade e prazer. O indivíduo exibicionista, alienado e consumista perde-se como um “átomo” em meio à multidão. É a era dos blogs, twitters e redes sociais: o cidadão deve ser excessivamente mostrado, evidenciado, exposto, escancarado, inclusive em seus aspectos mais íntimos.

E é exatamente neste cenário social de espetacularização do real e de banalização do consumo que a imprensa encontra espaço e ensejo para tornar pública (ou não) a subjetividade que lhe interessa.

Nesse sentido, os meios de comunicação, ao delimitar os assuntos que serão exibidos, bem como ao estruturá-los diagramaticamente na página – no caso da mídia impressa, não apenas representam os fatos, mas acabam demarcando os espaços ideológicos que defende.

Dada a velocidade e o alcance de circulação das informações na sociedade tecnológica moderna, isso significa que essa mídia tem um poder de influência ideológica amplo, muito embora a lógica que defende esteja geralmente velada e disfarçada sob posicionamentos generalistas.

Isso não quer dizer que os meios de comunicação sejam capazes de determinar exatamente aquilo que as pessoas pensam sobre um tema, até porque existe sempre um

receptor capaz de se manifestar negativamente, ainda que em forma de silêncio, na outra ponta da relação comunicacional.

Além disso, seria preciso considerar, nesse sentido, que a imprensa brasileira, por exemplo, é “abastecida”, em parte, por grandes agências internacionais, fato que exigiria uma análise mais complexa sobre essas mídias.

O que este trabalho pretende é analisar, sob o viés do fotojornalismo, a interação entre os elementos diagramáticos dispostos na página A17 do caderno Mundo da Folha de S. Paulo, atentando para os mecanismos de manipulação do imaginário simbólico do leitor.

Imagem, cultura e estereótipo

As imagens, enquanto artifícios subjetivos, ocupam um papel fundamental e visivelmente explorado por veículos comunicacionais, que as utilizam como ferramenta ideológica em grande parte de suas construções. Para o filósofo tcheco Vilém Flusser,

A tarefa das imagens técnicas é estabelecer código geral para reunificar a cultura (...). As imagens técnicas (e, em primeiro lugar, a fotografia) deviam constituir denominador comum entre conhecimento científico, experiência artística e vivência política de todos os dias. Toda imagem técnica devia ser simultaneamente conhecimento (verdade), vivência (beleza) e modelo de comportamento (bondade). Na realidade, porém, a revolução das imagens técnicas tomou rumo diferente: elas não tornam visível o conhecimento científico, mas o falseiam; não reintroduzem as imagens tradicionais, mas as substituem; não tornam visível a magia subliminar, mas a substituem por outra. Nesse sentido, as imagens técnicas passam a ser “falsas”, “feias” e “ruins”; além de não terem sido capazes de reunificar a cultura, mas apenas de fundir a sociedade em massa amorfa. (FLUSSER, 1998, p.38)

Amparados pelos diversos suportes midiáticos, os meios de comunicação atuam nos espaços sociais e articulam o real com o domínio da técnica. Mas eles vão além: reduzem acontecimentos complexos a estereótipos fixos, engendram sentidos de uma alteridade constante, estampam páginas do jornalismo diário. O espaço midiático em que esse mecanismo ocorre é o centro para onde convergem representações sociais e culturais, e dão margem a uma espécie de divisão geopolítica do mundo.

De acordo com Flusser, “o que vemos ao contemplar as imagens técnicas não é ‘o mundo’, mas determinados conceitos relativos ao mundo, a despeito da automaticidade da impressão do mundo sobre a superfície da imagem” (FLUSSER, 2002, p. 14-15)

As composições das páginas de jornal pós-11 de setembro tensionam os discursos culturais e representam com propriedade essa dimensão conceitual de polarização entre Ocidente e Oriente.

Segundo os preceitos teóricos de Semiótica da Cultura apresentados por Ivan Bystrina, essa divisão simbólica do mundo em duas partes antagônicas faz parte de um recurso narrativo em que o realce da negatividade de um polo (no caso, do Oriente) induz quase automaticamente ao realce positivo do outro (o Ocidente).

Para o filósofo britânico Terry Eagleton (2003), esse conflito global está relacionado à dimensão das relações culturais. De acordo com ele, ainda estamos muito ligados a uma noção de cultura que é ao mesmo tempo “debilitantemente ampla” e “desconfortavelmente rígida” e nosso objetivo deveria ser ir além dos dois conceitos.

O que acontece, de acordo com o filósofo, é que a Cultura apropria-se, por vezes, de particulares acidentais para legitimar uma estrutura de poder: “o que o universal comumente faz é apoderar-se do historicamente particular e projetá-lo como uma verdade eterna. Uma história contingente – a do Ocidente – torna-se a história da humanidade como tal”. (EAGLETON, 2003, p. 87)

É também esse tipo de relação, que reduz o Oriente Islâmico a estereótipos e a concepções simplistas, que o intelectual palestino Edward Said critica em “Orientalismo”, obra publicada em 1978 e traduzida para mais de 36 línguas, dada sua importância para os estudos culturais.

De acordo com Said, essa “lente distorcida sob a qual o Ocidente enxerga o Oriente” surgiu como uma tentativa de diferenciação que data do período e os interesses do próprio colonialismo.

Said também dialoga, por assim dizer, com a binariedade destacada por Bystrina quando afirma que a construção de uma identidade envolve não apenas a combinação de experiências coletivas, mas também a identificação de seu contrário, a partir do qual a própria identificação é reforçada.

Tanto quanto o próprio Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, portanto, sustentam e, em certa medida, refletem uma à outra. (SAID, 2007, p.31)

Para o especialista, a própria criação dos conceitos “Ocidente” e “Oriente” constituem uma forma de dominação:

(...) nem o termo “Oriente”, nem o conceito de “Ocidente” tem estabilidade ontológica; ambos são constituídos de esforço humano – parte afirmação, parte

identificação do Outro. O fato de que essas rematadas ficções se prestem facilmente à manipulação e à organização das paixões coletivas nunca foi mais evidente que em nosso tempo, quando a mobilização do medo, do ódio e do asco, bem como da presunção e arrogância ressurgentes – boa parte disso relacionada ao Islã e aos árabes de um lado, e a nós, os “ocidentais”, do outro – é um empreendimento em escala muito ampla. (SAID, 2007, p.13)

Mas essa distinção estereotipada, que divide simbolicamente o mundo em partes antagônicas, está relacionada, segundo Said, à mobilização do imaginário coletivo: “Sem um sentimento bem organizado de que aquela gente que mora lá não é como “nós” e não aprecia “nossos” valores, não teria havido guerra”.

Nesse sentido, Said critica o papel a que a mídia contemporânea tem se prestado enquanto instrumento de manipulação do imaginário simbólico do receptor da notícia:

Hoje em dia as livrarias norte-americanas estão lotadas de impressos de má qualidade ostentando manchetes alarmistas sobre o Islã e o terror, o Islã dissecado, a ameaça árabe e a ameaça muçulmana, tudo escrito por polemistas políticos que alegam deter conhecimentos oferecidos a eles e a outros por especialistas que, supostamente, atingiram o âmago desses estranhos e remotos povos orientais que tem sido um espinho tão terrível em “nossa” carne. Toda essa sabedoria belicosa é acompanhada pelas onipresentes CNNs e Foxes deste mundo, juntamente com quantidades miríficas de emissoras de rádio evangélicas e direitistas, além de incontáveis tabloides e até jornais de porte médio, todos reciclando as mesmas fábulas inverificáveis e as mesmas vastas generalizações com o propósito de sacudir a “América” contra o diabo estrangeiro. (SAID, 2007, p.17)

De acordo com o jornalista Luciano Guimarães*, as imagens midiáticas “perpetuam conceitos simbolicamente articulados que dão sustentação ao que se pretende transmitir por meio delas”.

Na Folha de São Paulo, um dos meios de comunicação mais populares do Brasil, com tiragens superiores a 320 mil exemplares aos domingos, a articulação simbólica se dá não apenas através das imagens em si, mas principalmente por meio das composições diagramáticas das páginas do jornal e do diálogo entre essas imagens e os outros elementos dispostos no espaço de papel.

O discurso redutor tão veementemente criticado por Said é intensificado, na Folha de São Paulo, pela estrutura do planejamento gráfico de suas páginas. No caso desse veículo comunicacional, especificamente, o jogo das narrativas polarizantes está velado sob o discurso dos textos, que não refletem, por si só, posicionamentos orientalistas do jornal.

O tensionamento da distinção Ocidente-Oriente não está, como em outros meios, na fotografia ou no texto, mas na interação entre titulação, manchete, linha-fina, chapéu, imagem e texto. A construção do estereótipo, que ecoa um discurso conveniente à hegemonia norte-

americana cristã, está demarcada no diálogo entre os fragmentos que compõem o todo da estrutura do jornal.

A dicotomia Ocidente-Oriente

A polaridade estabelecida entre os dois cantos do Globo, que divide, por assim dizer, Ocidente e Oriente como partes antagônicas, vem sendo explorada pelos meios de comunicação sobretudo após os episódios do Onze de Setembro e das guerras contra o Afeganistão e o Iraque.

De acordo com Edward Said, essa perspectiva sob a qual o Ocidente enxerga o Oriente não é nova: ela surgiu no período do próprio colonialismo. Para ele, a República Islâmica e suas reservas de petróleo fizeram com que a região se tornasse um entrave aos interesses americanos nas riquezas naturais do Oriente Médio.

Os esquemas pré-concebidos na formatação das páginas apresentadas por jornais de porte considerável são exibidas de modo dinâmico ao leitor, que é envolvido pela composição diagramática e levado a enxergar as representações do Oriental sob o viés já determinado em função de uma visão de mundo considerada hegemônica pela cristandade Ocidental.

Para Terry Eagleton, esse tipo de construção envolve uma problemática relacionada à universalização da cultura particular: “Quanto mais a cultura ocidental se universaliza, tanto menos pode essa intervenção ser vista como uma cultura interferindo na outra, e tanto mais plausivelmente pode ser percebida como a humanidade pondo a sua própria casa em ordem” (EAGLETON, 2003, p.73)

Essa dinâmica de atribuição de valores aos códigos culturais foi abordada pelo semiótico tcheco Ivan Bystrina, que demarcou a presença de estruturas binárias na existência da humanidade. Segundo Bystrina, a estrutura binária e polar é assimétrica, uma vez que o polo sinalizado negativamente é percebido mais fortemente do que o polo positivo. Nesse sentido, ele afirma que as oposições binárias dos textos culturais podem ser eliminadas através de algumas possibilidades de solução, a saber: a inversão, quando há a troca dos polos opostos; a identificação, quando se estabelece uma relação necessária entre a negatividade de um polo e seu oposto; e a eliminação, que compreende a tentativa de supressão do negativo.

As demarcações de Bystrina parecem dialogar com o processo de demonização pela mídia: os personagens demonizados, dotados de polaridade negativa, são representados nos meios de comunicação assimetricamente e indicam, por conseguinte, a necessidade de uma solução simbólica que, nesses casos, parece estar vinculada à ideia de eliminação.

No que tange à Folha de S. Paulo, por exemplo, a tentativa de supressão do negativo está presente na demonização de líderes orientais. À luz das tensões entre Ocidente e Oriente, o alvo diabólico se solidifica em figuras representadas diariamente pela mídia.

A construção do demoníaco no imaginário coletivo

Alvo de temor ou apreciação, a figura do diabo sofreu diversas transformações ao longo do processo histórico. Fonte de especulações e debates, atingiu seu ápice com a crise do Feudalismo (séc. XIV), que anunciava o fim da Idade Média. (ALMEIDA, 2004)

É bem verdade que o mito diabólico já existia no período anterior à Renascença e que, embora não tivesse exercido grande influência até os séculos XII e XIII, quando a concepção teológica sobre essa figura foi de certo modo “unificada”, já tenha sido representado no teatro, por exemplo.

Mas são a criação eficaz do mito diabólico, suas apropriações e transformações ao longo do cenário social que importam nessa investigação. O arquétipo do diabo na Era Moderna, alimentado por uma iconografia recorrente pela estereotipia do monstro, do mal e do negativo, vê esfacelar essa imagem com o advento do Iluminismo. O Diabo do Romantismo não é, primordialmente, figura de pedagogias religiosas, e representa, uma mudança na mentalidade do período. Com a secularização, Segundo Almeida, o diabo passa a refletir um espírito de liberdade. O estudioso ressalta que, no séc. XX, alimentado pela ânsia da Indústria Cultural, o diabólico banalizou-se, tornou-se mercadoria, figura de consumo em uma sociedade capitalista.

Destituído, em parte, de sua função religiosa, o diabo assistiu às diversas representações que lhe foram designadas através dos tempos. Sua permanência na sociedade pós-moderna não está completamente desvinculada da pedagogia do medo que lhe era inerente nos primórdios de sua criação, embora as leituras que se possam fazer hoje sobre o

diabólico estejam relacionadas principalmente ao cenário político-ideológico mundial, incorporadas e encarnadas sob figuras de líderes nas partes antagônicas do Globo.

Na pós-modernidade, a ortodoxia fragilizada não imprime senão sarcasmo à temática demoníaca, fato que abala – aparentemente – os pilares da Igreja e do Estado como normatizadores sociais. Mas a ausência do demoníaco é apenas ilusória. Os reflexos das duas grandes guerras mundiais trazem à tona o medo, a angústia, o pessimismo, o desencantamento com o mundo. Disfarçada sob as lentes cinematográficas, revestida sob os mais diversos meios de comunicação em desenvolvimento, a ideologia norte-americana cristã mobiliza o imaginário coletivo. O mal onipresente está encarnado sob personagens como Saddam Hussein e Mahmoud Ahmadinejad.

Fragmentação e descontextualização: o processo de demonização de Ahmadinejad na Folha de S. Paulo

A composição da primeira página do caderno mundo publicada na Folha de S. Paulo em 13 de maio de 2006 é especialmente interessante porque representa, sob o viés do demoníaco, as aproximações entre a foto de Saddam Hussein e a imagem de Ahmadinejad no cartaz carregado por uma manifestante.

Apesar de se tratarem de matérias completamente distintas, ambos os líderes estão com o indicador levantado, apontando em tom de ameaça, com barba e boca semiaberta; é quase impossível não notar a semelhança. O gesto denota agressividade, desfavorece os líderes e direciona o olhar do leitor para uma característica recorrente em outras representações do presidente Ahmandinejad: o uso excessivo das mãos (em alguns casos não somente como expressão, mas também como alusão a um traço marcante de ditadores populistas e líderes fascistas).

Além disso, os chapéus “eixo do mal”, no canto superior esquerdo da página, e “a dança do diabo”, acima da matéria sobre Saddam Hussein, indicam exatamente esse processo de “demonização” dos referidos líderes. Os elementos evidenciam, ainda, que a composição da página não corresponde a uma construção arbitrária, mas a uma organização fundamentada em estereótipos que restringem o campo interpretativo do leitor a uma percepção reducionista daquilo que acontece no Oriente Islâmico.

Com a derrota de Saddam Hussein, os norte-americanos “transferem” a “aura diabólica” a um novo inimigo não-submisso que justifique as intervenções no Oriente. O programa nuclear iraniano foi uma justificativa perfeita para explicar as possíveis intervenções na região.

Os modelos fragmentários dos meios de comunicação, entretanto, constantemente disseminam visões unilaterais sobre o mundo árabe, enfatizando o terror, a guerra e o clima de insegurança. Construções redutivas e simplificadoras do Oriente Islâmico imperam em emissoras de televisão, rádio, tabloides e até em jornais de porte considerável, fazendo desse tipo de pensamento abstrato um artifício poderoso e onipresente na vida dos cidadãos. Na Folha de São Paulo, um dos veículos de maior circulação em território nacional, com tiragem superior a 290 mil exemplares em dias úteis, esse tipo de composição promove, no leitor mais atento, uma reflexão acerca da relação entre imaginário e política.

De acordo com Said, as construções descontextualizadas, que afastam o pensamento da história humana, não raramente conduzem o indivíduo aos campos da ficção ideológica, do confronto e da mobilização de paixões coletivas. Isso significa que a associação indevida entre imagens de líderes como Saddam Hussein e Mahmoud Ahmadinejad limitam as possibilidades de interpretação e os campos de discussão do indivíduo a discursos simplistas pautados conforme a autoridade dominante.

É interessante notar ainda como a manchete da primeira matéria se contrapõe à imponência e ao tom ameaçador da imagem do líder iraniano; o mesmo ocorre com o título do box “Kissinger vê boa vontade em carta de Teerã”, já que o próprio ex-secretário de Estado dos EUA disse ver como manifestação de boa vontade o fato de o presidente Ahmadinejad enviar uma carta ao até então líder americano, George Bush.

Também a foto de Saddam Hussein está completamente fora do contexto da matéria: enquanto o texto aborda o fato de uma obra supostamente escrita pelo ex-presidente iraquiano ter sido publicada no Japão, a imagem retrata o primeiro dia de seu julgamento.

Em ambos os casos, a legenda da foto é fundamentalmente explicativa, enquanto os chapéus combinam com as imagens e contrastam com o texto e as manchetes. As duas fotografias foram utilizadas fora de contexto: na primeira matéria, sobre o pronunciamento do diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), na Holanda, a imagem revela uma mulher carregando um cartaz com a figura do presidente iraniano, na Indonésia;

na segunda, que trata da publicação de um livro de Saddam Hussein no Japão, a foto é durante o julgamento do líder.

Essa descontextualização, que fragmenta o real, desconectando-o de seus vínculos, estruturas, dinâmicas e interconexões, e que o agrupa falsamente a círculos ficcionais, distorcendo a realidade em si, configura-se como um dos padrões de manipulação da imprensa descritos por Perseu Abramo.

Para completar a página, uma matéria polêmica sobre a Igreja e a questão do aborto mantém o clima de tensão da composição.

Se o texto não induz o leitor a uma interpretação orientalista reducionista, ao passo que os chapéus o fazem - como é o caso - as imagens, enquanto artifícios subjetivos, reforçam a rotulação dos povos orientais, demonizando seus líderes e direcionando o olhar desse leitor a estereótipos de ameaça e perigo. Aproximar as representações de Mahmoud Ahmadinejad e Saddam Hussein é se esquivar de uma contextualização histórica e política, ou obliterar-se de uma linearidade que seria pedagógica para o leitor, eliminar o contexto de suas atuações e colocar os pesos na mesma balança, expor os dois ao mesmo patamar, legitimar uma estrutura de poder.

Ética e manipulação: as fronteiras do jornalismo pós-moderno

Na página publicada pela Folha de S. Paulo em 13 de maio de 2006, a interação entre os elementos diagramáticos revela uma descontextualização das fotos em relação ao texto das matérias.

Esse tipo de construção sugere aquilo que o jornalista Perseu Abramo descreve como um dos padrões de manipulação da grande imprensa: a fragmentação.

Abramo classificou em quatro modos principais os padrões de manipulação da imprensa: a ocultação, que, de modo simplificado, seria a abstenção da imprensa diante de determinados fatos da realidade; a fragmentação, que compreenderia tanto a questão da seleção de aspectos particulares como a descontextualização; a inversão, relacionada à ordem e organização dos fatos em uma espécie de hierarquia; e a indução, que se refere à submissão do indivíduo frente a um sistema capitalista movido pela lógica de consumo.

No caso da página analisada, o conteúdo fragmentado, despojado de seus vínculos reais e reconectado de forma arbitrária, não apenas elimina, segundo os preceitos apresentados por Abramo, aspectos inerentes à realidade em si, mas os recria artificialmente.

De acordo com o jornalista, “recriando a realidade à sua maneira e de acordo com os seus interesses político-partidários, os órgãos de comunicação aprisionam os seus leitores nesse círculo de ferro da realidade irreal, e sobre ele exercem todo o seu poder”. (ABRAMO, 2003, p.47)

Para o jornalista e estudioso Eugênio Bucci, entretanto, essa manipulação por parte da mídia não deve ser levada ao extremo: “Se a manipulação fosse realmente o fantasma poderoso que dizem ser, a sociedade seria apenas uma espécie de curral dominado por capatazes maquiavélicos” (BUCCI, 2002, p.177)

Bucci traz à tona uma discussão que vai além da ideia de manipulação explícita por parte dos veículos comunicacionais; ele pondera, antes, sobre o conceito de dominação exercido pelo controle das consciências sociais:

O que impressiona não é o fato de haver manipulações intencionais, mas o fato de que, mesmo quando elas não ocorrem, o conteúdo médio da imprensa mundial mantém uma profunda coerência com valores hegemônicos e, mais que isso, com um discurso dominante. A vigilância cerrada para que tudo seja tão compacto não é exercida pelos patrões, mas pelo próprio público refeito em mercado. (BUCCI, 2002, p.183)

O enigma do jornalismo contemporâneo, tanto no âmbito da fotografia, como nas próprias redações, de um modo geral, é lidar com os desafios de um liberalismo que, na prática, tem dificuldade em realizar as tarefas democráticas a que se propõe.

Se a imparcialidade jornalística é uma impossibilidade prática e teórica – como realmente o é – quais seriam as possíveis soluções para o exercício da ética na profissão? De acordo com o professor doutor especializado em Semiótica Luciano Guimarães, uma das possibilidades seria que, enquanto responsáveis pela produção midiática, os jornalistas utilizassem as estratégias discursivas de modo a “deixar rastros suficientes para que eles possam ser decodificados com transparência” pelo receptor.

O trabalho ainda suscita algumas reflexões importantes acerca da relação entre o jornalismo contemporâneo e sua influência no campo social, a saber: Até que ponto a lógica capitalista de um mercado que tem suas raízes marcadas por disputas imperialistas orienta a prática de produção das notícias? Será o cidadão capaz de resistir, ainda que silenciosamente,

contra a emissão desenfreada que lhe é imposta cotidianamente? Essa consciência crítica sobre as formas de representação do real existe de modo efetivo ou é apenas ilusória? A mobilização do imaginário coletivo pode realmente levar a uma dicotomia entre Ocidente e Oriente?

Os paradigmas de compreensão do mundo e das relações comunicacionais continuam uma incógnita. A prática da profissão padece pela falta de ética. Uma redação deve ser compreendida, antes de tudo, como uma forma de pensar, uma visão de mundo e, como tal, deveria propor representações mais complexas e menos restritas daquilo que tomam como realidade. Apresentar ao público outras possibilidades de imaginar um mundo através de perspectivas que nos são obsessivamente negadas é compreender as limitações da dimensão ideológica do meio e, ao mesmo tempo, tentar fazer de uma lógica tão comumente manipulada, uma estrutura mais transparente.

Anexo:

Página A17 – caderno “Mundo”: Folha de S. Paulo (13 de maio de 2006)

Acervo digital disponível em: <acervo.folha.com.br>.

‘EIXO DO MAL’ Para chefe nuclear da ONU, EUA têm de considerar que pesquisa nuclear iraniana leva em conta segurança regional Irã tem direito a se defender, diz El Baradei

BARCELONA

O chefe da AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica, da ONU), Mohamed El Baradei, afirmou ontem que os EUA devem, nas discussões sobre o programa nuclear iraniano, considerar o fato de que o país do Oriente Médio tem preocupações legítimas com sua segurança. O egípcio El Baradei, que falou em Haia, na Holanda, referiu-se ao fato de americanos e europeus estarem pressionando o Conselho de Segurança da ONU pela adoção de sanções contra o Irã se o país não interromper seu processo de enriquecimento de urânio. Para os EUA, o Irã não é a França e a Alemanha, o verdadeiro propósito de Teerã, ao enriquecer urânio, é desenvolver armas nucleares. O governo iraniano, no entanto, afirma que quer gerar energia nuclear somente para fins pacíficos. Rússia e China, países que são membros permanentes do Conselho de Segurança, não concordam ainda com a adoção de sanções contra os iranianos, alegando não estarem convencidos de que Teerã procura desenvolver armamento nuclear. Segundo Baradei, que no ano passado ganhou o Prêmio Nobel da Paz justamente por seu trabalho à frente da AIEA, uma solução para o impasse entre as potências nucleares e o Irã tem de incluir

propostas para a segurança dos iranianos. “Eles já antes de tudo uma questão de segurança regional”, disse o chefe da AIEA. “O Irã está cercado por países que têm armas nucleares: a Rússia tem, o Paquistão tem, Israel tem armas nucleares, e o Iraque já usou armas químicas contra ele”, lembrou Mohamed El Baradei. Apelo diretamente ao governo americano, ele disse que, quando se fala sobre segurança, há só um país que pode conversar com o Irã, e esse país são os EUA, não são os da Europa. A Europa pode discutir comércio, pode discutir economia, mas não pode falar sobre assuntos relacionados à alta segurança. O Nobel da Paz disse ainda que o mundo deveria estar mais preocupado com a possibilidade de armas nucleares caírem nas mãos de terroristas do que com o programa iraniano. “O risco de que terroristas adquiram armas nucleares é muito maior, na minha opinião, do que o de que um país as tenha”, disse Baradei em entrevista a uma emissora de TV dinamarquesa. Querem também se manifestar sobre a crise entre as potências nucleares e o Irã foi o secretário-geral da ONU, Kofi Annan. Annan pediu que os EUA “dêem um passo para trás” e se juntassem, juntamente com a Europa, na retomada das negociações

com Teerã.

Enriquecimento Num índice de aparente contradição ao discurso de Teerã e que os EUA afirmam serem reais intenções, inspetores da ONU revelaram ontem haver em contrato resíduos de urânio altamente enriquecido em uma das instalações nucleares iranianas. A princípio, os inspetores, que exigiram manter o anonimato em troca da informação de sua descoberta, afirmaram que o nível de enriquecimento do material era próximo ou até superior ao necessário para a produção de energia nuclear — o urânio destinado à produção de energia não tem um grau tão alto de enriquecimento quanto aquele que se destina à utilização como arma. Mas tarde, segundo informou a agência de notícias Associated Press, um diplomata da AIEA contou que o nível de enriquecimento do urânio encontrado não era tão alto, embora acima do usado em reatores nucleares. No entanto o material foi em contato com uma instalação em que, de acordo com o que fora dito anteriormente pelo governo iraniano, não era conduzido enriquecimento de urânio — o que significa que o país poderia estar escondendo da da ONU parte de suas atividades nucleares.



Mulher leva cartaz do presidente do Irã, em Jacarta (Indonésia)

Kissinger vê boa vontade em carta de Teerã

O ex-secretário de Estado dos EUA Henry Kissinger disse ontem ver como uma manifestação de boa vontade de Teerã a favor do presidente Mahmoud Abmadinejad, haver enviado uma carta ao presidente dos EUA, George W. Bush. A carta, que foi mandada na terça-feira passada, quando Kissinger estava em Teerã, continha uma série de críticas à política externa dos EUA. Na carta, Abmadinejad mal trocou na questão nuclear, afirmando apenas que todos os países têm direito a pesquisar e desenvolver novos isotópicos. Segundo Kissinger, a carta “abre-se a uma mostra de que [Abmadinejad] entende que se deve chegar a um mínimo acordo com a comunidade internacional”.

AMÉRICA DO SUL Decisão da Justiça visa casos específicos Igreja ameaça excomungar juizes que aprovaram aborto na Colômbia

BARCELONA

“A Dança do Diabo”, último livro supostamente escrito pelo ex-ditador iraquiano Saddam Hussein antes de sua captura, será publicado por uma editora do Japão na próxima sexta. A Tokuma Shoten Publishing Co., editora sediada em Tóquio responsável pela publicação, será a primeira do mundo a produzir comercialmente o romance. Segundo Koichi Chakarashi, editor sênior da empresa, o livro conta a história de uma antiga tribo na região do rio Eufrates que coexistia, por meio da simbiose, expulsar uma tribo invasora. Chakarashi afirma que o manuscrito foi retirado do Iraque pela filha mais velha de Saddam, Raghad Hussein, quando da fuga para a Jordânia pouco antes do fim do regime pelo trio de tropas americanas. Raghad havia dito em ocasiões anteriores que seu pai terminou o livro em 18 de março de 2003 — um dia antes do começo da guerra no país. Manuscrito Um manuscrito do romance em árabe foi entregue ao jornalista japonês Hisaaki Hirata por advogados de Saddam Hussein em abril de 2005, disse Chakarashi. O jornalista, que é autor de diversos livros sobre líderes do Oriente Médio, teria conseguido também permissão para traduzir. “Acho que se ex-pres-



Saddam desafia juizes no primeiro dia de seu julgamento

idente esperava a derrota [para as forças da coalizão americana] e estava escrevendo o livro como uma mensagem para a época e moral do povo iraquiano”, afirmou Hirata à agência de notícias Kyodo News. A publicação do livro foi proibida na Jordânia no ano passado, devido a pressões políticas. Apenas uma versão para a “A Dança do Diabo” será o segundo livro de Saddam Hussein a ser vendido no Japão, depois de “Zababab e o Rei”. Além disso, dois outros livros, “O Homem e a Cidade” e “A Cidade Fortificada”, foram escritos pelo

ex-ditador. Ainda não se sabe como se dará a divisão dos lucros da publicação do romance entre a editora japonesa e o autor. Serão impressos 1.000 cópias de 256 páginas, com preço previsto de 1.375 yenes (aproximadamente R\$ 80). Saddam Hussein continua preso em um complexo de detenção anterior próximo ao aeroporto de Bagdá, onde está desde sua captura em dezembro de 2003. Desde outubro passado, ele é julgado por uma corte especial pela morte de 143 soldados do vilarejo de Dujaij, em 1982, onde teria supostamente usado uma tentativa de assassinato.

a Corte Constitucional discriminatória, por cinco votos a favor e três contra a proibição do aborto em caso de mal formação do feto, de risco de morte para mãe e de estupro. Antes, o aborto praticado nesses casos era punido com penas de uma até seis de prisão. “Essa decisão é lamentável. Sempre consideramos que não haverá desfeitos tão graves quanto a eliminação de uma criança”, disse o ministro Luis Augusto Castro, presidente da Conferência Episcopal colombiana. Na América Latina, só Chile e El Salvador mantêm a proibição total do aborto. No Brasil, o aborto é permitido no caso de estupro e no de risco de morte da mãe. Para a igreja, a decisão do tribunal atende ainda a pedidos da ONU. “Os magistrados, ao proferir essa decisão, se declaram in-

fluenciados internacionalmente pelas Nações Unidas, que têm insistido que os países legalizem o aborto”, disse Bastiana. A Corte Constitucional reagiu à ameaça da igreja. “Nossa decisão foi tomada em direito, em cumprimento de uma Constituição que exige um Estado laico e deve ser respeitada”, disse ontem o presidente do tribunal, Jaime Córdoba. Já o juiz Jaime Araújo, autor da sentença, lembrou que os médicos católicos podem alegar “obrigação de consciência” para se negar a praticá-lo. Segundo organizações de direitos da mulher na Colômbia, saíram anualmente no país cerca de 200 mil abortos clandestinos, dos quais ao menos 10% terminam por provocar a morte da mulher.

Advertisement for Moema Duplex 2 suites, 159 and 163m², with contact information for Cyrela Real Estate.

Referências Bibliográficas

- ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. 1ªEd., 2003.
- ALMEIDA, R. H. Marcos. **Do terror ao entretenimento: a evolução da figura do Diabo na sociedade pós-moderna**. Revista Urutágua. v.5. Maringá, 2004.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo, 2002.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. Lisboa: Editora Unesp, 2003.
- FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a Fotografia. Para uma filosofia da técnica**. Apresentação de Arlindo Machado. Lisboa: Relógio d' Água, 1998.
- _____. **Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- KLEIN & MAZER. **Corpus Absconditum: imagens do Oriente e ideologia na representação do corpo feminino na imprensa**. Revista Famecos. Porto Alegre, n.3, v.18, p.700-716, setembro/dezembro 2011.
- SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Companhia das Letras. São Paulo: 2007.